

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



ARTIGO

LEITURA À FORMAÇÃO CRÍTICA: OS DESAFIOS À FORMAÇÃO EMANCIPADORA EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

*Reading for critical training: the challenges to
emancipatory training from the inclusive perspective*

*Lectura para el formación crítica: los desafíos de la
formación emancipatória en la perspectiva inclusiva*

Gustavo Massena de Lira

Graduando em Pedagogia pelo Instituto de Educação
em Angra dos Reis – Universidade Federal Fluminense
(IEAR/UFF)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5259-8581>

E-mail: gustavomassena@id.uff.br

Janiara de Lima Medeiros

Mestre em Educação e membro dos grupos de pesquisa
GPETED e GPECult (UFF). Professora da
Universidade Federal Fluminense, UFF.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>

E-mail: jlmedeiros@id.uff.br

Silvana Matos Uhmman

Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF).
Mestre e Doutora em Educação pela Universidade
Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
(Unijuí).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1182-3187>

E-mail: silvana_uhmman@id.uff.br

Como citar este artigo:

LIRA, Gustavo Massena de; MEDEIROS, Janiara de
Lima; UHMANN, Silvana Matos. Leitura à formação
crítica: os desafios à formação emancipatória em uma
perspectiva inclusiva. **GEOGRAFIA: Ambiente,
Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. v. 1,
n. 5, p. 127-139, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 5 (2024)
ISSN 25959026

LEITURA À FORMAÇÃO CRÍTICA: OS DESAFIOS À FORMAÇÃO EMANCIPADORA EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA.

Reading for critical training: the challenges to emancipatory training from the inclusive perspective.

Lectura para el formación crítica: los desafíos de la formación emancipatória en la perspectiva inclusiva.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo inquietar o leitor quanto a formação do pensamento crítico como essencial para o desenvolvimento da autonomia e da emancipação humana diante da perspectiva inclusiva. Para tanto, busca-se apresentar argumentos à reflexão da leitura como fundamental à formação crítica dos sujeitos, permitindo que compreendam o mundo, questionem suas realidades e exerçam sua cidadania plenamente. Freire (1970) destacou a importância desta leitura como um processo de compreensão do mundo e das estruturas sociais, argumentando que o ato de ler deva ir além da simples assimilação de informações, sendo uma atividade de interpretação e contextualização. Portanto, a educação emancipadora é capaz de promover o diálogo, a conscientização crítica e a ação transformadora.

Palavras-chave: Leitura. Formação integral. Educação emancipatória. Inclusão. Arte e educação.

Abstract

The present work aims to disturb the reader regarding the formation of critical thinking as essential for the development of autonomy and human emancipation from the inclusive perspective. To this end, we seek to present arguments for reflection on reading as fundamental to the critical formation of subjects, allowing them to understand the world, question their realities and fully exercise their citizenship. Freire (1970) highlighted the importance of this reading as a process of understanding the world and social structures, arguing that the act of reading must go beyond the simple assimilation of information, being an activity of interpretation and contextualization. Therefore, emancipatory education is capable of promoting dialogue, critical awareness and transformative action.

Keywords: Reading. Comprehensive training. Emancipatory education. Inclusion. Art and education.

Resumen

El presente trabajo pretende inquietar al lector respecto a la formación del pensamiento crítico como esencial para el desarrollo de la autonomía y la emancipación humana desde la perspectiva inclusiva. Para ello, buscamos presentar argumentos para la reflexión sobre la lectura como fundamental para la formación crítica de los sujetos, permitiéndoles comprender el mundo, cuestionar sus realidades y ejercer plenamente su ciudadanía. Freire (1970) destacó la importancia de esta lectura como proceso de comprensión del mundo y las estructuras sociales, argumentando que el acto de leer debe ir más allá de la simple asimilación de información, siendo una actividad de interpretación y contextualización. Por tanto, la educación emancipadora es capaz de promover el diálogo, la conciencia crítica y la acción transformadora.

Palabras llave: Lectura. Formación integral. Educación emancipadora. Inclusión. Arte y educación.

O papel da leitura à formação das subjetividades

A leitura desempenha um papel primordial na formação crítica dos indivíduos, permitindo-lhes compreender o mundo, questionar suas realidades e exercer sua cidadania de forma plena. Paulo Freire (1970) foi um dos estudiosos brasileiros que, por meio de suas obras, evidenciou a relevância da leitura como ferramenta de transformação social. Por isso a escrita como construção humana, vem da necessidade de comunicar e repassar ideias, opiniões e ensinamentos, que ao longo da história foi usada como ferramenta para grandes avanços e grandes catástrofes históricas. O ato de ler e interpretar nos possibilita compreender os fenômenos que nos rodeiam e aqueles que já ocorreram, possibilita ser um indivíduo questionador sobre os fatos e produtor de novos pensamentos sobre eles. Portanto, neste trabalho, desenvolveremos alguns conceitos e contribuições que envolvem esta área, destacando a importância da leitura na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A leitura desempenha um papel crucial na formação do indivíduo livre e emancipado, de acordo com as ideias de Paulo Freire (1970). Para ele, a leitura é um processo de conscientização e interpretação crítica do mundo, indo além da mera decodificação de palavras. Ela permite que os indivíduos se tornem sujeitos ativos, capazes de compreender, refletir e questionar as informações apresentadas. Nesse sentido, a formação do leitor a partir da construção do pensamento crítico é essencial para o desenvolvimento da autonomia e independência dos sujeitos, algo que se torna ainda mais importante diante da perspectiva inclusiva. Sobre isso Carvalho (2007, p. 24) destaca:

No desejo da homogeneidade, que tem muito em comum com a democracia de massas, destruíram-se muitas diferenças que nós hoje consideramos valiosas e importantes. Ao nos referirmos hoje a uma cultura global e à globalização, parece contraditória a luta de grupos minoritários por uma política identitária, pelo reconhecimento de suas raízes – como fazem os surdos, os deficientes, os hispânicos, os negos, as mulheres, os homossexuais. Há, pois, um sentimento de busca das raízes e de afirmação das diferenças, razão pela qual se contesta a modernidade nessa sua aversão a diferença.

Assim, historicamente muitas pessoas foram desprovidas de condições adequadas que as possibilitassem o acesso à leitura e a escrita. A escolarização – processo de inserção e apropriação de conhecimentos escolares e específicos – não foi por muito tempo de acesso a todas as pessoas, uma vez que se caracterizou (ou ainda se caracteriza?) como um lugar hierarquizado, homogeneizado e excludente. Negros, indígenas, quilombolas, surdos, pessoas com deficiência e tantos outros sujeitos que por muito tempo não receberam em igualdade acesso à leitura para aquisição e desenvolvimento de autonomia e independência em sociedade.

Sendo assim, essas escritas assumem papel de apresentar tal problemática, bem como apontar alguns caminhos/reflexões possíveis e necessárias.

Justificativa e metodologia

Justificamos este trabalho pelo reconhecimento da influência da leitura, principalmente a leitura crítica, nas identidades dos sujeitos. Tratamos neste trabalho da leitura da escrita, mas não excluí a leitura de mundo que precede a leitura da palavra, segundo Freire (1970).

Neste sentido, destacamos também a percepção da leitura enquanto elemento cultural que é definido a partir de tudo o que o homem cria (Freire, 2011, p.30). Partindo deste olhar, consideramos a própria história da criança que a leva ao ambiente escolar, bem como seus costumes e valores, ou seja, a sua cultura. Neste sentido, a educação torna-se significativa pois reconhece e valoriza os conhecimentos prévios da criança, prestigiando sua identidade e reconhecendo as especificidades de sua cultura. Freire (2011) argumenta que o ato de estudar, a partir do processo de construção consciente da prática da leitura, por meio de um comportamento de curiosidade do aluno diante do mundo, se traduz como uma forma de expressar e estar dos indivíduos, como pessoas sociais, históricas, construtoras, transformadoras, que não somente sabem, mas tem consciência de que sabem.

É neste sentido que a motivação para este trabalho percorreu por uma forte inquietação à educação bancária. Paulo Freire (1970) criticou fortemente este modelo de educação bancária, em que o conhecimento é transmitido de forma autoritária e vertical, e, inclusive, nem sempre para todos. Ele descreve esse modelo como um processo de “depositar” conhecimento nas mentes dos alunos, transformando-os em receptores passivos (Freire, 1970). A educação bancária nega a participação ativa dos educandos, impedindo o desenvolvimento de sua capacidade crítica. O autor também argumentava que esse modelo de educação desencoraja a criatividade, a autonomia e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, excluindo muitos deles e tornando o processo de escolarização hierarquizado e numa perspectiva homogeneizadora.

Ele acreditava que a educação deveria ser um diálogo entre professor e aluno, uma troca de conhecimentos em que ambos desempenham papéis ativos na construção do saber. Em contraste com a educação bancária, Freire (1970) propôs o conceito de “educação problematizadora” ou “educação libertadora”. Essa abordagem enfatiza a importância de envolver os alunos na análise crítica de sua realidade social, promovendo a conscientização, a reflexão e a ação transformadora. Com base nessas ideias sobre a crítica à educação bancária,

existem várias maneiras de contornar esse modelo e promover uma abordagem mais libertadora, participativa e inclusiva na educação. Aqui estão alguns métodos e exemplos de ação:

Em vez de uma transmissão unilateral do conhecimento, podemos promover o diálogo entre professor e aluno. Criar espaços para discussões, perguntas e reflexões, permitindo que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem. Por exemplo, em uma aula de história, o professor pode iniciar a aula fazendo perguntas provocativas aos alunos sobre um determinado período histórico e, em seguida, incentivar um debate construtivo em sala de aula.

Identificando temas relevantes e significativos para os alunos, relacionados à sua realidade e contexto social. Esses temas geradores podem ser pontos de partida para discussões e investigações mais aprofundadas. Por exemplo, em uma aula de ciências, o professor pode iniciar um projeto sobre sustentabilidade ambiental, levantando questões sobre os impactos das ações humanas no meio ambiente e incentivando os alunos a buscar soluções e propor ações concretas.

Promover a conscientização crítica sobre a realidade social, estimulando os alunos a questionarem e refletirem sobre as relações de poder e as injustiças presentes na sociedade. Isso envolve analisar as estruturas sociais, identificar opressões e desigualdades, e buscar a transformação social. Por exemplo, em uma aula de sociologia, o professor pode conduzir discussões sobre racismo, discriminação de gênero ou desigualdade econômica, encorajando os alunos a refletirem sobre essas questões e a pensarem em maneiras de promover a igualdade e a justiça.

Incentivar os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências e ações, conectando-as com os conceitos e teorias discutidos em sala de aula. Os encorajar a analisar suas práticas, assumir responsabilidades e buscar melhorias. Por exemplo, em uma aula de educação física, o professor pode pedir aos alunos que reflitam sobre a importância da atividade física em suas vidas, identifiquem possíveis barreiras para a prática regular de exercícios e proponham soluções viáveis.

Enfim, estamos diante de um cenário que apresenta muitas reflexões necessárias a fim de garantir o acesso e participação efetiva de todos – o que por meio da leitura torna-se potencializador. Tal inquietação foi promovida a partir da leitura/análise da Área de Linguagens da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), motivando novas leituras, reflexões e construções teóricas e práticas provocadas durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa – Conteúdo e Método, ministradas pela docente Janiara de Lima Medeiros, ofertada na

graduação em Pedagogia do Instituto de Educação em Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense – IEAR-UFF, no ano de 2023, aos alunos do 4º período da graduação em Pedagogia. Neste sentido, a organização das ideias aqui apresentadas é resultado da leitura, reflexão curricular, conteudista e metodológica a fim de uma visão e prática pedagógicas de forma interdisciplinar da Língua Portuguesa para o ensino fundamental, articulado aos conhecimentos de experiências de cada discente. A perspectiva inclusiva do texto se deu após a ministração da disciplina Educação Especial e Inclusiva, ofertada no mesmo curso de graduação e instituição, ministrada com a professora Silvana Matos Uhmman. Neste sentido o diálogo entre as disciplinas proporcionou compreender que todos podem e devem beneficiar-se da leitura e que não há, a priori, nada que “impeça”, ou inviabilize alguém desta aquisição. Ao reconhecer a diferença, o que há são tempos e modos distintos de aprender dos diversos sujeitos, em que nada mais justifique a sua exclusão ou precárias possibilidades de acesso. A leitura crítica da qual refletimos neste trabalho garante ao sujeito uma série de benefícios, como participar das opiniões e ideias e não apenas permanecer na sociedade como indivíduo passivo conhecedor das letras (meramente alfabetizado) mas, acima de tudo, letrado e dotado do poder da linguagem.

Assim, tendo como incentivo inicial a análise de métodos para a prática do ensino de Língua Portuguesa de forma interdisciplinar sob a perspectiva da diversidade e da inclusão, buscou-se analisar as políticas públicas educacionais e as produções de literaturas para a infância que visam despertar a leitura crítica e inclusiva desde a educação básica. O estudo teórico foi oportunizado ao longo dos meses de 2023, no decorrer das aulas das disciplinas e após a conclusão dos mesmos componentes curriculares.

Ao longo do ano letivo foi possível realizar estudos a partir de outras leituras de maneira interdisciplinar às disciplinas Língua Portuguesa – Conteúdo e Método e Educação Especial e Inclusiva, por exemplo, amadurecendo mente e coração acerca da própria formação enquanto educador em sua função essencial. Deste modo, “Não é possível falar em acesso ao ou produção do conhecimento sem amor, sem o desejo que, arrebatado pela carência, é levado a buscar sua satisfação” (Duarte; Della Fonte, 2010, p. 135).

Além das leituras, buscou-se realizar observações e análises em atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), reforçando a percepção quanto a necessidade deste conteúdo na educação básica. Por fim e em meio a essa trajetória,

apresentamos inquietações para uma escolarização e sociedade possível a todos que, por meio da leitura, oferece potencialidades.

Reflexões iniciais: a formação do leitor crítico como metamorfose do saber

A formação do leitor crítico é um processo que ocorre ao longo da vida, exigindo constante aprimoramento e reflexão. Freire (1970) enfatiza que a leitura crítica não é um fim em si mesma, mas uma jornada de construção do conhecimento e da consciência. O aluno tem na escola um caminho de desenvolvimento pleno que forma além de tudo a seu papel na sociedade, por isso Paulo Freire (1970) enfatiza o processo contínuo dos alunos que podem desenvolver muitos papéis sociais diferentes, sendo um trabalhador manual, um acadêmico ou um político – sendo essencial a sua construção crítica de conhecimentos e saberes. O leitor crítico desenvolve habilidades de interpretação, análise e reflexão, tornando-se capaz de pensar de forma autônoma e questionar as estruturas de opressão presentes na sociedade. Para além da escola, a leitura se torna um mecanismo de aprimoramento, não aprimoramento como algo estático e alcançável, mas sim uma constante metamorfose do saber, desempenhando muitas vezes um meio de ligação das constantes transformações sociais e o indivíduo, ligação que transmite e transforma a cultura.

Portanto, devemos ter a leitura e escrita como uma ferramenta poderosa para o desempenho dos cidadãos, como possibilidade transformadora e reflexiva sobre os meios de convivência. Para isso, nada melhor que o avanço da educação, incentivo da leitura e escrita nos espaços de convivência e para fora do meio escolar, como uma rede de saberes que provoca debate e construção de valores para as diferentes subjetividades que os compõe. Desenvolvendo uma ideia de metamorfose do saber, conduzimos um processo que acompanha o sujeito em suas práticas, por isso a necessidade de um gosto pela leitura crítica, saber interpretar as diferentes escritas é um processo demorado, porque nos deparamos com textos que não agrada e textos que são escritos conforme os nossos pares de mesma opinião, saber colher dos textos os diferentes significados e a transmissão de conhecimento que o outro nos passa, mesmo que não agrade ou que concordamos.

Aprender a ler e a escrever consiste no domínio de um código de comunicação, que possibilita conviver e interagir na sociedade que se vive com qualidade. Este conhecimento não se restringe apenas às paredes da escola, mas no entorno da sociedade contemporânea, com participação ativa dos que dela se beneficiam. “Como o objetivo da educação inclusiva é uma

sociedade para todos, onde cada um possa interagir e usufruir dela da melhor forma possível” (Uhmann, 2018, p.21-22), Marques (2006, p. 10), problematiza a escola:

[...] entendida como lugar social das aprendizagens intencionadas e sistemáticas, sendo evidente que esta forma de aprendizagem supõe e se refere à materialidade e concretude das aprendizagens que se estruturam nas vivências cotidianas dos específicos e diversificados lugares e tempos sociais, âmbitos linguísticos específicos em que vivem e atuam os seres humanos.

Neste sentido, pode-se pensar a leitura como meio de inclusão, uma vez que possibilita autonomia para exercer direitos e deveres há muitas pessoas que isto por muito tempo lhes foi negado. Pensa-se assim, que a não condução deste saber nega ao sujeito à atuação e participação ativa na sociedade em que vive, restando-lhe a condição passiva de apenas permanecer no meio e aceitar as escritas sem qualquer questionamento crítico. Sendo assim, a perspectiva inclusiva por meio de práticas de leitura contribui com a disseminação da inclusão em que:

[...] se apresenta como uma revolução, como contra-face da exclusão. Revolução porque está produzindo um turbilhão de movimentos que invadem todas as áreas, entram pelos mecanismos legais e forçam a presença – nas empresas, nas escolas, nos lugares públicos, nas diferentes formas de cultura, lazer e diversão, na sexualidade, no trabalho (Eizirik, 2008, p. 56).

Diante desta lógica, Paulo Freire (1970) pensou e agiu nos anos de sua vida ao dedicar-se a educação. Para ele, “os oprimidos, historicamente deslocados para os bastidores da vida social, no limite são ‘inseridos’ no sistema ou apenas sobrevivem. Não pensam, não agem, não reivindicam” (Júnior; Torres, 2009, p.28). Sendo assim, a estes sujeitos seria permitido o direito de apenas permanecer neste ambiente, mas não fazer parte de fato. O que defendemos aqui é justamente o oposto a isso: a participação efetiva de todos em uma sala de aula, no qual o ensinar e o aprender estejam presentes, sobretudo a partir do desenvolvimento da criticidade da leitura. Isto é, um processo de inclusão daqueles que historicamente foram ou até o momento ainda podem estar sendo excluídos e segregados.

Reflexões finais, mas não últimas: a leitura crítica como processo de compreensão do mundo em meio a algumas alternativas

Contraopondo-se a lógica da exclusão, Paulo Freire (1970) destaca a importância da leitura crítica como um processo de compreensão do mundo e das estruturas sociais que o permeiam. Segundo ele, a leitura vai além da simples assimilação de informações, sendo um ato de interpretação e contextualização. Assim, percebemos que o autor nos traz uma crítica que vai muito além da simples leitura, vai além de escrever ou agrupar sílabas, é, portanto, um processo emancipatório e revolucionário, já que um leitor crítico tem a capacidade de sozinho

relacionar o seu contexto com as dificuldades que o permeia. O leitor crítico busca compreender o significado profundo dos textos, relacionando-os à sua própria realidade e questionando suas contradições. Mas, no mundo das ideias, muitas vezes esse processo pode ser visto como utópico. Então, como trazê-lo para prática docente? Partindo da perspectiva do materialismo histórico, no qual Freire (1970) era adepto, pensamos qualquer momento histórico como único e singular, sendo construído por diferentes fenômenos sociais. Para isso, percebemos a escola como ambiente constituído de diversas subjetividades e esferas de poder, em meio a isso nos deparamos com os docentes e os alunos que são parte ativa destes processos e, portanto, indissociáveis.

Baseado em Freire (1970) e em seu celebre livro, “A pedagogia do oprimido”, apresentamos alguns métodos de incentivo para formação plena e “metamórfica” do indivíduo e de como superar alguns desafios que os docentes podem enfrentar em seu cotidiano. Para isso precisamos levar em consideração o contexto em que o espaço de ensino está inserido, temos que olhar por uma perspectiva quase que etnográfica, já que nas redes de troca e convivência íntima podemos reparar os mínimos detalhes que compõe estes contextos.

Afinal, entender o aluno é de vital importância para construção de novos caminhos para educação, com isso é possível imaginar alguns métodos de concretizar essa interação. Por exemplo: quando se iniciarem as atividades efetivamente como docente, buscar enfatizar seu trabalho por meio de uma construção com os alunos, como os blocos em uma construção do saber, sem distanciar o seu papel de compartilhar seus conhecimentos específicos com os alunos, mas proporcionando uma troca que valoriza os alunos, como atores fundamentais no seu trabalho.

Outra proposta que pode ser apresentada para relação mais próxima e dialógica com o aluno diante do ato de ler é de que já possui conhecimentos que são válidos e que contribuem muito para a o desempenho desta relação. Podemos imaginar rodas de conversa com os alunos sobre os seus gostos pessoais e como se imaginam no futuro, uma vez que na escola nós encontramos diversos sonhos e subjetividades que podem parecer meros pensamentos, mas devemos levar em consideração a potencialidade destes sonhos e objetivos, pois são uma ferramenta que engaja o ser humano e incentiva o seu desenvolvimento. Partindo deste pressuposto criamos alternativas que estreitam as relações do meio escolar, com isso podemos perceber que o professor não procura relativizar os meios que estão contextualizados, mas

desenvolvendo um olhar participativo e empático sobre ele, possibilitando uma parceria construída a partir da amizade e que leva a uma participação ativa do aluno.

Para finalizar: “Cabeça de bacalhau” – a prática da leitura crítica

Ao descrever as inquietações que levaram ao início deste trabalho, iniciado a partir da leitura e das análises da Área de Linguagens da BNCC, gerou-se releituras, novas reflexões, construções teóricas e ressignificou-se o pensamento. Para tanto, incorporamos a este trabalho a intenção dos docentes em direcionarem os sujeitos à leitura crítica, inclusive a partir de uma política pública educacional essencial à formação dos Pedagogos. Isso porque, a busca por entender textos, suas intenções e analisá-lo diante dos cenários neoliberais que se apresentam de forma dinâmica e aparentemente ingênua, faz-se de extrema urgência e necessidade.

Em razão de vários textos acadêmicos e científicos apresentarem temáticas diversas, mas que, em alguns momentos se distanciam do sentido popular, o que justifica tantas pesquisas e produções a fim de contribuir à transformação social que busque a emancipação do seu pensamento (Medeiros, 2019), defendemos aqui uma nova forma de escrever ciências: uma forma para que se possa provocar a leitura ampliada à classe trabalhadora. E não só ambientar à quantidade de leitores numa perspectiva inclusiva, como ampliar a qualidade desta leitura. E qual seria o objetivo disso?

Tragamos à tona a questão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), como “reforma resultante de um governo sem legitimidade eleitoral; é o produto de um golpe dado pela base política mais tradicional e pelo empresariado” (Medeiros, 2021, p. 138). Sua intencionalidade apresenta-se à indução da classe trabalhadora para acreditar que a crise econômica vai se resolver milagrosamente como a promessa de oferta igualitária de uma educação de qualidade.

Esta sessão foi sintetizada como “cabeça de bacalhau” propositalmente a fim de associar a prática da leitura crítica (inclusive como tão bem defendida na BNCC), como uma cabeça de bacalhau. A metáfora dá-se em razão de sabermos que existe a cabeça do peixe, mas nos mercados e peixarias elas nunca são vistas.

De igual forma a leitura crítica existe, mas nem sempre é vista. Não se trata aqui da leitura acadêmica. Mas da leitura de mundo que não considera o ano ou a escolaridade do leitor e sua faixa etária. Uma breve experiência poderá elucidar ao que nos referimos:

Era época da festividade de Páscoa no Brasil quando os religiosos católicos, por razão defendida em sua cultura, não comem outro alimento¹ quando das festividades pascoais que não seja peixe. Especialmente o bacalhau da Noruega. No entanto há vários peixes vendidos como o original da Bacalhau da Noruega. O motivo desta diversidade vendida como bacalhau é exatamente porque o bacalhau é o mais caro e, os demais peixes, embora possam ser confundidos com o original, na bandeja, podem ser comercializados igualmente como o peixe original, cobrando pelo mais alto valor.

A consciência leitora crítica deste trabalho visa propiciar com que os sujeitos tenham a capacidade de indagar se o que está na etiqueta do peixe é realmente o bacalhau da Noruega, bem como apreciar se o peso cobrado corresponde adequadamente ou trata-se de gelo/intracongelamento das partes vazias entre carnes. A leitura para a vida que desconfia o valor comercial barato divulgado como “promocional”, mas que na verdade, não trata do autêntico bacalhau, mas sim uma variação do peixe, portanto mais barata e, desta forma, um “peixe tipo bacalhau”. Aqui a crítica não se deve ao fato de comprar ou não o bacalhau, mas sim de saber o que está sendo adquirido para consumo. Sendo assim, trata-se de problematizar a perspectiva da formação integral que se defende a leitura libertária, crítica e emancipadora e, sobretudo, numa perspectiva inclusiva.

Considerações finais

Este trabalho buscou explorar o conceito de educação emancipadora, baseado nas ideias de Paulo Freire (1970), a partir de então, buscou-se apresentar exemplos de ações práticas que podem promover uma abordagem mais participativa, crítica e transformadora na educação e para todos. A educação emancipadora busca romper com o modelo tradicional de educação bancária, onde o conhecimento é transmitido de forma hierárquica e passiva, e propõe uma visão de educação como um processo de diálogo, conscientização crítica e ação transformadora.

Os exemplos de ações práticas discutidos neste trabalho demonstram como é possível contornar a educação bancária e criar ambientes de aprendizagem que estimulem o engajamento ativo dos alunos. O diálogo e a interação entre professor e aluno, a identificação de temas geradores relevantes para a realidade dos estudantes, a promoção da conscientização crítica sobre as questões sociais, a prática reflexiva e a aprendizagem baseada em projetos são

¹ A tradição do consumo de bacalhau no Brasil durante a Sexta-Feira Santa, no Domingo de Páscoa e nos dias que antecedem o domingo pascoal e dias que antecedem marcam o período mais importante do cristianismo, pois é o momento que Jesus é preparado para sua morte, crucificação e ressurreição

estratégias que possibilitam a construção do conhecimento de forma mais significativa e emancipadora.

Ao adotar essas práticas, os educadores podem empoderar os alunos, encorajando-os a questionar, refletir e agir diante das injustiças e desigualdades sociais. Isso contribui para o desenvolvimento de cidadãos críticos, participativos e capazes de promover mudanças positivas em suas comunidades, bem como possibilitar que a escolarização seja mais acolhedora e possível a todos os alunos. Portanto, a educação emancipadora vai além da simples transmissão de informações e busca capacitar os alunos a se tornarem agentes de transformação em suas vidas e na sociedade como um todo. Ao implementar essas ações práticas, os educadores podem criar espaços de aprendizagem enriquecedores, nos quais os alunos são incentivados a pensar de forma crítica, colaborativa e autônoma, contribuindo para uma educação mais inclusiva, equitativa e emancipadora.

Este trabalho possibilitou deixar explícito que todos podem e devem beneficiar-se da leitura e que não há, a priori, nada que “impeça”, ou inviabilize alguém desta aquisição. Ao reconhecer a diferença, o que há são tempos e modos distintos de aprender dos diversos sujeitos, em que nada mais justifique a sua exclusão ou precárias possibilidades de acesso. A leitura crítica da qual refletimos neste trabalho garante ao sujeito uma série de benefícios, como participar das opiniões e ideias e não apenas permanecer na sociedade como indivíduo passivo. Participar do destino do País, interferir nas decisões e expressar interesses, contudo, são ações cidadãs e que devem ser garantidas à todas as pessoas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEB, 2018a. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no Diário Oficial da União, 21 de dezembro de 2017, Seção 1, p. 146. > Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192 Acesso em 05 mar. 2018.

CARVALHO, R.E. **Educação inclusiva: Com os pingos nos ‘is’**. 5 ed. Porto Alegre, 2007.

DUARTE, Newton; DELLA FONTE, Sandra Soares. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

EIZIRIK, Mariza Faermann. Diferença e exclusão ou... a gestão de uma mentalidade inclusiva. In: DUTRA, Claudia Pereira. et al. **Revista da Educação Especial: inclusão**. Brasília: Secretaria de Educação Especial. 2005. v.4, n.2 p. 17-23, jul./out.2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JUNIOR, Israel Pacheco; TORRES, Michelangelo Marques. **Atualidade e pensamento de Pulo Freire na educação popular**. In. ASSUMPÇÃO, Raiane (org). Educação popular na perspectiva freireana. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

MARQUES, Mario Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: Unijuí, 2006.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **A reforma do Ensino Médio: estudo crítico da lei nº 13.415/2017**. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o trabalho x formação para a vida: do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

UHMANN, Silvana Matos. Acesso e permanência do aluno com deficiência na escola regular: alguns desafios e possibilidades. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados-MS, v. 6, n. 12, p. 19-32, jul./dez. 2018

Recebido: 05/02/2024

Aprovado: 20/03/2024

Publicado: 28/04/2024

